

Meta de superávit comercial surpreende AEB

Compromisso contido no acordo com o FMI para 99 contraria tudo que o próprio governo previa

JÔ GALAZI

RIO – A previsão contida no acordo entre o Brasil e o Fundo Monetário Internacional (FMI), de um superávit na balança comercial, em 1999, de US\$ 2,8 bilhões, foi uma surpresa. Até agora, o próprio governo, nas suas estimativas mais otimistas, achava que conseguiria no máximo equilibrar a balança, ou seja, fazer as importações ficarem igual às exportações no ano que vem.

O presidente da Associação Brasileira de Comércio Exterior (AEB), Marcus Vinicius Pratini de Moraes, disse ao **Estado** que não esperava um compromisso desses, mas frisou que esse resultado pode ser alcançado, apesar de todas as aparências em contrário.

Segundo Pratini, a expectativa de um superávit de US\$ 2,8 bilhões na balança comercial de 99, apesar de 98 fechar com um déficit estimado de até US\$ 6 bilhões, pode vir a se concretizar. E isso sem que seja preciso haver uma maxidesvalorização do real – no mercado, a interpretação que se estava dando ao compromisso de um superávit desses era a de que o governo faria uma maxidesvalorização, com isso barateando as exportações e encarecendo as importações.

Para Pratini de Moraes, uma máxi somente será indispensável para chegar a um saldo positivo na balança se não houver uma substancial redução no custo Brasil no ano

que vem. No entender dele, se o governo levar à frente, com agilidade, as medidas que vem tomando para o ajuste fiscal e para promover as exportações será perfeitamente possível exportar US\$ 5 bilhões a mais, pelo menos. “Nós representamos apenas 1% das exportações mundiais, portanto temos muito espaço para crescer as nossas vendas externas em pelo menos 10%”, assinalou. Ele disse que no primeiro semestre ainda haverá dificuldades para as exportações, principalmente decorrentes da queda de preços de produtos primários no mercado internacional, mas para o segundo semestre o panorama será bem melhor.

Lição de casa – Além de uma esperada recuperação nos preços das commodities, segundo Pratini as economias asiáticas entrarão em rota de melhoria, o que quer dizer que vão precisar comprar mais matérias-primas. Ao mesmo tempo, a valorização das moedas européias e do iene frente ao dólar barateia os produtos brasileiros (eles são vendidos em moeda norte-americana),



Pratini de Moraes: mudança no câmbio só se o custo Brasil não for reduzido

o que torna as exportações brasileiras mais competitivas. “Como se vê, nem tudo é negativo”, frisou.

“A verdade é que, independentemente de qualquer compromisso com o FMI, a única saída para o Brasil é aumentar as exportações”, afirmou.

Para o empresário, o dever de casa brasileiro é fazer o ajuste fiscal e elevar suas receitas em dólar, exportando mais, diminuindo os gastos com fretes internacionais e atraindo mais turistas, que tragam dólares e compensem o movimento de turismo do Bra-

PARA O
MERCADO PODE
SER UM SINAL
DE MÁXI

sil para o exterior.

Também precisa de marketing para promover a produção brasileira no mercado internacional e financiamentos.

“Se o governo tratar tudo isso com o mesmo sentido de prioridade e agressividade que deu ao programa de privatização, conseguirá o superávit”, afirmou.

A retração da economia, que este ano já reduziu as importações, deverá continuar no primeiro semestre, no mínimo, portanto tirando pressão sobre a balança.

Importados – De janeiro a setembro, as importações caíram 4,8% em relação ao mesmo período de 97, em um movimento que se acelerou no terceiro trimestre, quando a queda, ante o mesmo trimestre do ano precedente, foi de 9,6%. A Fundação Centro de Estudos de Comércio Exterior (Funcex) chama a atenção para o fato de que a diminuição nos gastos com importações não se deu em decorrência apenas de queda de preços, mas sim pela redução das quantidades importadas (-9,3%).